

Política

SUCESSÃO

O ministro insiste em anular as convenções

A argumentação de Oscar Corrêa é de que não há provas de que as indicações de Ulysses, Afif e Maluf obedeceram a lei. A decisão será de Sarney, que resiste.

O ministro Oscar Corrêa, da Justiça, quer que o presidente Sarney patrocine a anulação das convenções do PMDB, PDS e PL, que indicaram candidatos à sucessão. Sarney resiste à idéia, para não agravar ainda mais seu relacionamento com Ulysses Guimarães, mas o ministro insiste: argumenta que não há como provar que as convenções foram realizadas segundo as normas gerais da legislação, inclusive com o quórum de maioria absoluta para deliberações.

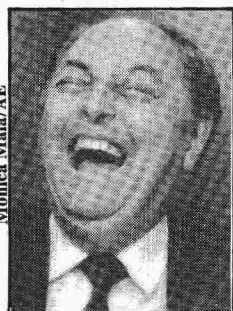
Sarney tem motivos para resistir: o Congresso poderia derrubar seu veto, o que causaria um desgaste político muito grande. Afinal, como a lei eleitoral ainda não estava em vigor quando as convenções foram feitas, o TSE não enviou observadores. Outro veto que Sarney poderá assinar estingue o dispositivo que prorrogou de 15 de maio para 15 de junho o último dia para programas gratuitos de uma hora no rádio e na tevê, onde os partidos apresentam seus programas. O veto prejudicaria PMDB e PFL, que não levaram seus programas ao ar, e, principalmente, evitaria novos programas dos pequenos partidos, que poderiam contar com a presença de Collor de Mello, do PRN.

Quanto à proibição de divulgar pesquisas eleitorais nos 30 dias antes do pleito, Sarney está decidido a não vetar. Mas deverá vetar o prazo de filiação partidária, marcado para 15 de maio, o que poderá levar o Congresso a rediscutir a questão, abrindo a possibilidade para novos candidatos.

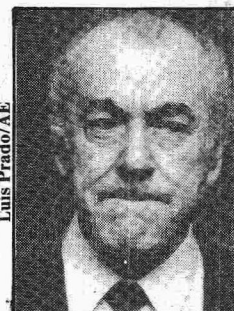
A possibilidade de modificar o prazo de filiação faz Oscar Corrêa prever o surgimento de novas candidaturas, com o que ele espera amenizar suas próprias decepções com as atuais. "Já sei em quem não voto, mas não sei em quem votar", diz ele, negando que pretenda se candidatar.



Ulysses: sem atritos.



Aureliano: contatos.



Brizola: ataques.



Maluf: no balcão.

Ulysses com Arraes. E contra mal-entendidos.

Os coordenadores da campanha de Ulysses Guimarães não querem conferir se o governador pernambucano Miguel Arraes teria mesmo reclamado da dificuldade de "carregar" o candidato do PMDB. "Isso é página virada", recomendou o próprio Ulysses, ontem, enquanto se preparava para um jantar com Arraes, no qual pretendia aparar todas as arestas. "Arraes é um dos pesos fortes de nossa campanha." A ordem dentro do PMDB, portanto, é minimizar qualquer atrito e convencer todos os peemedebistas possíveis a se engajar na campanha — a começar pelos governadores.

E Ulysses faz o que pode para angariar adesões: já tem viagens marcadas para o Sul e deve aparecer, neste domingo, no programa "Cara a Cara" da TV Bandeirantes. Ele se prepara para isso submetendo-se a um tratamento intensivo de voz, postura e gesticulação.

Covas — O candidato do PSDB à sucessão, Mário Covas, esteve em Maceió, na última segunda-feira, debatendo com universitários e sindicalistas. Encontrou uma platéia hostil e se surpreendeu com a rejeição que Collor de Mello, do PRN, amarga em seu próprio Estado. Tanto que

Covas só conseguiu agradar quando ensaiou algumas críticas a Collor.

Aureliano — Em busca de um vice com peso político e econômico, o candidato do PFL, Aureliano Chaves, esteve ontem em São Paulo. Manteve encontros com Antônio Ermírio de Moraes, Olavo Setúbal e Papa Júnior.

Maluf — Em Belo Horizonte, Paulo Maluf, do PDS, garantiu ontem que sua ascendência libanesa falará mais alto quando for negociar a dívida externa, caso seja eleito. Ele propõe abatimento real com carência de 10 anos e mais 30 para pagar. "São quatro mil anos de encostar a barriga no balcão que me dão essa possibilidade de negociar a dívida", promete.

Afif — Uma negociação aberta com lideranças do PDC poderá levar o candidato do PL, Afif Domingos, a substituir o vice de sua chapa e, automaticamente, excluir Ronaldo Caiado da disputa.

Lula — Repetindo as mesmas frases, Luís Inácio Lula da Silva, do PT, esteve ontem em Fortaleza. "Não venho de vassoura na mão, nem travestido de moralizador, a começar por marajás", disse, referindo-se claramente a Jânio Quadros e a Collor de Mello.